

PEREIRO, Carlos Paulo Martinez. *Natura das animalhas*. Bestiário medieval da lírica profana galego-portuguesa. Edicions "A nossa Terra", Vigo, 1996, 239 p.

ANIMAIS EM DESFILE

*Lênia Márcia Mongelli**

Professor titular de Filologia Galega e Portuguesa da Universidade da Coruña, na Galiza, e especializado em Literatura Medieval, embora tenha estado há pouco entre nós, a convite do Núcleo de Estudos Galegos da Universidade Federal Fluminense, estendendo sua visita até a USP, Carlos Pereiro ainda não é muito conhecido dos brasileiros. Contudo, conforme se faz gratificante para qualquer intelectual que se preze, suas obras têm tido boa divulgação em nossos meios acadêmicos, principalmente a edição crítica das cantigas do trovador Fernan Paes de Talamancos (Laivento, 1992), já incorporada à bibliografia de teses mais recentes. O mesmo se pode dizer de seus trabalhos sobre a Literatura Portuguesa em geral, com destaque para José de Almada Negreiros (cuja obra foi objeto de pesquisa de seu doutoramento, defendido na Universidade de Santiago de Compostela) e Camões, sobre quem elaborou excelente antologia (*Doce canto em terra alheia?*), em parceria com Manuel Ferreiro e Francisco Salinas Portugal.

Com *Natura das animalhas*, modestamente subintitulado "Bestiário medieval" o Prof. Pereiro compõe mais um ensaio de fôlego. A idéia, que encantou o homem medievo às voltas com o fantástico e a simbologia de animais reais e fictícios arrolados nos diversos bestiários, já tentou muitos críticos e tem marcado presença em comunicações apresentadas em congressos internacionais sobre Idade Média (alguns títulos estão citados na Bibliografia

(*) Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH/USP.

final do livro). Certos artigos como o de Luciana Stegagno Picchio sobre o papagaio e o de Elsa Gonçalves sobre “A mula de Joan Bolo” em torno de cantigas de D. Dinis, já cruzaram fronteiras e são do conhecimento geral, a falar pelo interesse que o tema tem despertado. Com apresentar, de forma maciça, um rol minucioso de animais que percorrem as páginas da lírica profana galego-portuguesa, interpretados à luz do contexto histórico-cultural dos séculos XIII e XIV e da natureza intrínseca do texto, o estudo de Carlos Pereiro vem preencher lacunas e responder a dúvidas dispersas sobre tema tão fascinante.

Pode-se dizer que nada da fauna aquática, terrestre e aérea escapou aos olhos argutos do pesquisador galego: de asnos a peixes, de formigas a bois, camelos e “zevrões” um zoológico inteiro se oferece ao leitor, que ainda pode consultar o índice final, onde estão indicados os Cancioneiros e as cantigas em que cada bicho aparece. A inegável utilidade desse procedimento não merecia que o Prof. Pereiro se abstinhasse das notas de rodapé sobre referências bibliográficas pontuais: mesmo alegando, na Introdução, que tal escolha é “facilmente subsanável por calquera lector interesado acudindo ao apartado bibliográfico das páxinas finais” nem sempre isto acontece, pois certas opções críticas – algumas muito específicas – não são de fácil acesso ao estrangeiro. A “limpeza” do texto, descarregado do aparato acadêmico, se de certo ângulo é uma qualidade, de outro pode vir a ser defeito, quando implica em localização de fontes da pesquisa. Não se trata de falta de rigor (aquiete-se o espírito de Carlos Pereiro); mas o “antiacademismo” apontado na Introdução como preferência metodológica gerou suas interrogações aqui e ali. Nada que uma boa revisão para as próximas edições não possa resolver.

Em *Natura das animalhas* a análise chega a um resultado bem concreto: a maioria absoluta do comparecimento de animais na poesia medieval galego-portuguesa se dá no âmbito das cantigas satíricas, sempre com intenções ambíguas. Para as de amor e as de amigo restam quase só as aves e os cervos do monte, a compor uma espécie de *locus amoenus* da tradição clássica, como na extraordinária “Levad’amigo, que dormides as manhanas frias” de Nuno

Fernandez Torneol, em que as aves dividem com a amiga apaixonada a “ledice” de tempos pretéritos. A lembrança de cervos e cervas tem que passar obrigatoriamente pelos textos de Pero Meogo, corpo coeso de cantigas de amigo em que o erotismo das relações amorosas está encantadoramente sugerido pela ansiedade da moça que corre a lavar os cabelos na “fontana fria” enquanto o cervo, afoito e másculo, “volve a augua” Frisa o Prof. Pereiro o quanto esse salto interpretativo do sentido literal para o simbolismo exige do leitor moderno, que dificilmente terá acesso ao universo literário dos poemas se não estiver de posse dos códigos estéticos específicos dos séculos XIII e XIV. (Pergunta-se: qual período, inclusive o moderno, não requer o mesmo cuidado, se se trata de *interpretação* de texto? Basta pensar em Fernando Pessoa...).

Bem outra, muito mais direta e realista, é a atitude dos trovadores que escarnecem de seus semelhantes, ric’omens, infanções e soldadeiras, rebaixando-os disfemicamente à comparação com os animais. É nesse espaço que se ergue um retrato magnificamente pulsante da sociedade contemporânea medieval, com seu mundo de intrigas, despeitos, rivalidades e empecilhos de toda ordem. Aqui nos movemos sempre nos limites da *equivocatio* latina, às vezes elevada às últimas conseqüências, com aquela dose prevista de crueldade subjacente a qualquer modalidade de ironia: verbos como *cavalgar*, *comer*, *cear* estão às vezes carregados de alusões pornográficas, numa verdadeira recriação de discurso anticortês, a subverter normas – como os divertidos poemas em que Pero da Ponte ridiculariza a “Peixota” explorando com superior senso do cômico as possibilidades do nome próprio. Outras terríveis vítimas de sarcasmos são “o *muu* e a *mua*, animais de carga, híbridos do cruzamento de xumento con egua ou de caballo con burra” os quais “amplian a súa natural hibridez cargándose do segundo e simultáneo sentido equívoco de home e mulher (non obrigadamente de maneira respectiva) e especializándose, en xeral, no contexto da actividade sexual satiricamente obscena e, en particular, na sátira á homosexualidade e ao lesbianismo.” (p.135). É comum chegar-se à grosseira, como não hesita Airas Veaz: “Comprar quer”eu, Fernan Furado, muu/ que vi andar mui gordo no mercado:/ mais trage ja o alvaraz

ficado,/ Fernam Furado, no olho do cuu;/ e anda ben pero que fere d'unha,/ e dize[n]-me que trage ~ua espunlha,/ Fernan Furado, no olho do cuu.”

Considerando-se que o princípio basilar da criação poética trovadoresca é o da *repetição*, com preferência por todas as formas rítmicas e rítmicas de *paralelismo*, é admirável a enorme capacidade de variação desses bardos que nunca perdem de vista o paradigma - o tal “desvio da norma” responsável pela comicidade. Nesse jogo do texto para o subtexto é que desfilam, invariavelmente com duplo sentido, leões, corvos, cães, vacas, cavalos, salmões, bubelas, alacrães, etc., a representar muitas das mesquinhas da alma humana. Até à Besta Ladrador, magnífica herança da chamada “matéria de Bretanha” recorre Fernand” Esquio (Lapa, 149), para ironicamente denunciar os senhores que não provêm de montaria os seus subalternos.

Como se depreende, *Natura das animalhas* é agora título indispensável a todos que se interessam pela lírica profana galego-portuguesa. Se o objetivo for o estudo da maledicência, então a consulta é obrigatória: a paciência com que o Prof. Carlos Paulo resgatou das páginas dos Cancioneiros esse bestiário de sentido eminentemente polar, em que a crueza convive não raro com a mais elevada poesia, oferece caminhos e sugestões seguras para o pesquisador. Quando menos porque resulta num excelente panorama da Idade Média peninsular, traçado pela língua ferina de seus menestrelis.